

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Jornal da Tarde Class.: Kaingang/Mangueirinha
 Data: 21/08/80 Pg.: 51

21/8/80 **Índios em guerra**

Um grave conflito armado poderá acontecer caso forças policiais sejam usadas para expulsar os índios kaingangs que invadiram terras litigiosas na reserva de Mangueirinha, no sudoeste do Paraná. "Tenho informações seguras de que os índios de pelo menos quatro reservas do Sul, Nonoai, Chapecó, Palmas e Rio das Cobras, estão dispostos a marchar sobre Mangueirinha caso seus patrícios sofram algum tipo de repressão", informou em Curitiba o padre Natalício Welchenfelder, representante do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) no Paraná.

Essas terras em litígio — 3.707 alqueires — são disputadas há anos na Justiça entre a Funai e a Madeireira Slaviero. A área sempre pertenceu aos índios, mas em 1963 surgiram títulos emitidos pelo famigerado governador paranaense Moisés Lupion. Então a polícia expulsou os índios que ali viviam. E começou a batalha judicial. A área é riquíssima: nela existe a maior reserva de araucária do mundo, 200 mil pés de pinheiros, prontos para se transformarem em madeira, valendo cada um deles 20 mil cruzeiros. Há ainda mercúrio, xaxins, uma grande reserva de palmito e 200 mil exemplares da chamada madeira branca: imbuia, canela, cedro.

"O único meio de preservar essa que é uma das maiores reservas naturais do Sul do

país é transformá-la num Parque Indígena. Se as terras ficarem com a madeireira, em quatro anos eles devastam a área, para extração de madeira. E os índios fizeram um acordo de que nenhuma árvore será derrubada para a formação das roças que eles tanto precisam", diz o padre.

Os índios, kaingangs e guaranis, irritados com a demora judicial, começaram a ocupar as terras há uma semana, e diz o padre que dentro de mais uma semana, essa ocupação estará completa, com o apoio do Cimi. Já moram nos 3.707 alqueires, 41 famílias, o que dá um total de 205 índios. Diz o padre que a intenção dos índios é fazer uma ocupação pacífica, sem se importarem com os 6 empregados da Slaviero que permanecem na área: "Eles convivem pacificamente com os empregados da empresa e dizem que estes não têm culpa, que são bucha de canhão dos Slaviero".

"E pela primeira vez em 50 anos houve um consenso entre guaranis e kaingangs: não deixarão mais estas terras", diz padre Natalício, que na última terça-feira esteve visitando o local. Ele dá outra informação sobre o conflito: "O cacique Angelo Cretã, morto em circunstâncias misteriosas no começo do ano, foi afastado da área em litígio, amarrado, junto com a mulher".